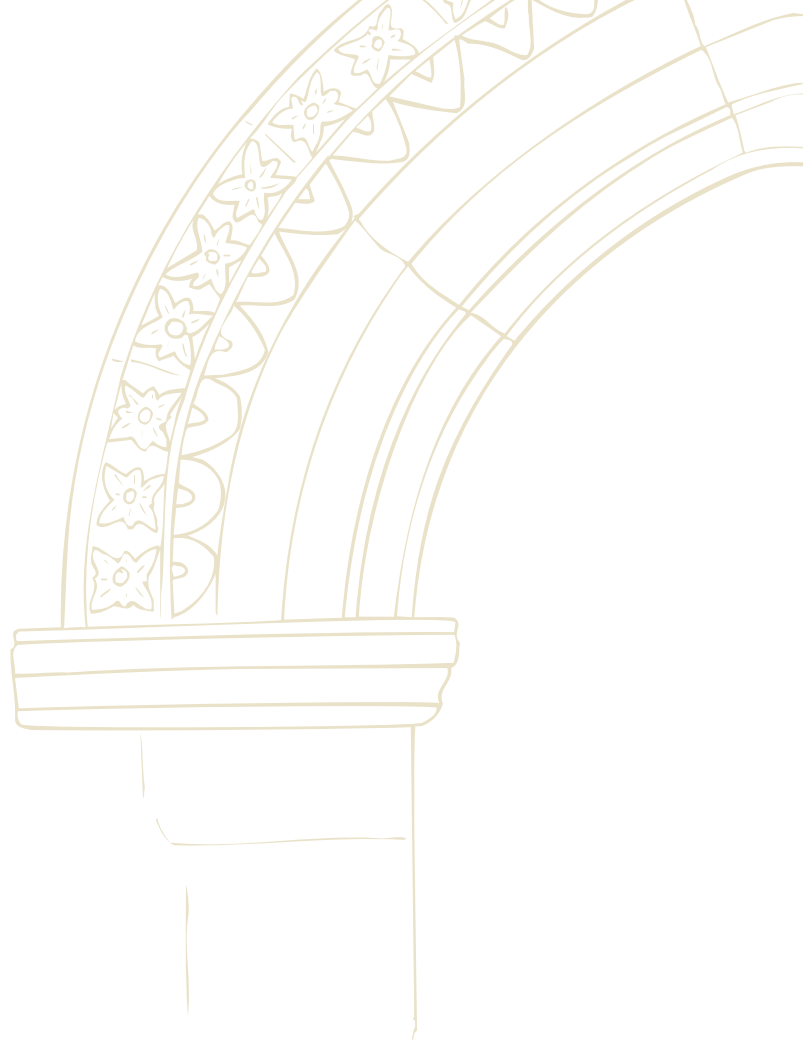




IGREJA DE SÃO MIGUEL DE ENTRE-OS-RIOS



1. A Igreja na Época Medieval

Situada na freguesia de Eja, ou de Entre-os-Rios, no concelho de Penafiel, a Igreja de São Miguel é um exemplar que se insere no *românico de resistência*, característica que tanto marca outras igrejas românicas da área do Baixo Tâmega. Neste templo, que não deverá ser anterior ao século XIV, patenteiam-se soluções do gótico rural, como é visível no tipo de decoração vegetalista, tanto do arco cruzeiro como do portal sul, concomitantemente com soluções construtivas próprias da Época Românica.

Esta igreja situa-se num importante território que se enquadra na reorganização político-militar conduzida pelo rei Afonso III das Astúrias, com o objectivo de criar condições de segurança que permitissem a fixação da população no Vale do Douro¹.

A região do Baixo Tâmega pertencia, nos primórdios da Reconquista, em grande parte, ao território da *civitas Anegiae*. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, o rio Douro era já nessa época uma importante via fluvial. Neste território passavam igualmente dois importantes caminhos que ligavam o Norte ao Sul. A criação do território *Anegia* está documentada em cerca de 870, sendo contemporânea das presúrias de *Portucale* (868) e de Coimbra (878) e, segundo A. M. de Carvalho Lima, dos primeiros sinais de dinâmica populacional na área deste território, correspondente aos actuais concelhos de Cinfães, Penafiel, Marco de Canaveses, Castelo de Paiva e Arouca².

No âmbito destas presúrias, eram escolhidos pontos estratégicos nos quais se criaram fortalezas e se estabelecem os *comites*, representantes dos reis astur-leoneses, de forma a garantir a segurança e a fixação das populações em áreas fronteiriças, sempre ameaçadas pelas razias muçulmanas³. O *terri-*



1. A Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios encontra-se situada num importante território da época da Reconquista.

1 LIMA, António Manuel de Carvalho – «O Território Anegia e a organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII)». In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. in memoriam*. Vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, p. 399.

2 IDEM, *ibidem*, p. 399.

3 IDEM, *ibidem*, p. 400.



2. Fachada ocidental. Embora já referida no séc. XI esta Igreja, tal como se apresenta hoje, corresponde a uma reforma que não deverá ser anterior ao séc. XIV.

192

torium da civitas Anegia corresponde a um corredor natural, orientado a Noroeste/Sudeste e definido a oriente pelo Marão e Montemuro, a sul pelo maciço da Serra da Freita e a ocidente por uma cumeada que na Idade Média era designada de *Serra Sicca*.

Esta barreira natural era fortificada, sobre o rio Douro, pelo *Monte do Castelo* em Broalhos e o *Alto do Castelo*, em Medas (Gondomar). Sobre o rio Sousa dominava o *Castelo de Aguiar* (Paredes) tomado por Almançor em 995 e sobre o rio Ferreira o *Alto do Castelo*, em Campo (Valongo).

Entre o início e os meados do século XI regista-se uma fragmentação do território com origem tanto no abrandamento das razias muçulmanas como na pressão social exercida pelas famílias de infanções, desejosas de uma maior repartição de poderes militares, administrativos e judiciais, o que conduziu à divisão do território numa série de *terræ*, cada uma encabeçada por um castelo.

Apesar de muitos destes castelos terem já sido identificados, ou pela documentação ou através de sondagens arqueológicas, o seu abandono, muito antigo, dificulta o reconhecimento do arranjo arquitectónico que, como refere A. M. de Carvalho Lima, só poderá ser melhor conhecido com campanhas arqueológicas sistemáticas⁴.

São estas poderosas razões que conferiam à região uma importante posição estratégica, sendo dominada por uma das mais notabilizadas famílias portugalenses, os Riba Douro⁵.

A família dos Riba Douro manteve estreitas relações com o Mosteiro beneditino do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel), que foi cabeça de um couto doado pelo conde D. Henrique, tendo vindo a tornar-se um dos mais afamados mosteiros do Entre-Douro-e-Minho. As mais antigas referências documentais que registam a Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios comprovam a sua ligação a este Mosteiro.

4 LIMA, António Manuel de Carvalho – «O Território Anegia e a organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII)». In Carlos Alberto Ferreira de Almeida. *in memoriam*. Vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 401-406.

5 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 94.

A primeira referência documental à Igreja de São Miguel é mencionada no *Livro de Testamentos de Paço de Sousa*. O documento, que datará de 1095, refere uma doação, de parte da igreja, àquele mosteiro. Um outro documento, datado de 1120, noticia uma nova doação ao mesmo mosteiro, referindo-se a mais uma parcela de direitos sobre a Igreja de São Miguel, por parte daquela casa monástica⁶. À escolha do orago São Miguel não deve ter sido alheio o ambiente de Reconquista e reorganização do território. Sabe-se que nesta época são muito cultuados e evocados os santos guerreiros e triunfantes, como São Miguel, o chefe do Exército Celeste.

Esta Igreja, também conhecida por Igreja de São Miguel de Eja, está implantada na margem direita do rio Tâmega. Faz parte de um vasto grupo de exemplares, de peculiar arquitectura românica tardia, que pontuam a paisagem da Bacia do Baixo Tâmega, como as Igrejas de São Gens de Boelhe, do Salvador de Cabeça Santa e de São Pedro de Abragão (Penafiel) de Vila Boa de Quires, da paróquia de Sobretâmega, de Constance, de Santo Isidoro, de São Nicolau, de Tabuado, de Vila Boa do Bispo, de Rosém e de Paços de Gaiolo (Marco de Canaveses)⁷.

Em São Miguel, os portais não apresentam colunas nem tímpanos e os arcos são sistematicamente quebrados. A igreja não tem capitéis e o recurso às impostas como suporte para os arcos, assim como o uso de elementos decorativos baseados em folhagens geometrizadas e feitas a bisel, como é o caso das



3. Portal ocidental. A ausência de colunas e de tímpano aponta para uma cronologia tardia, no âmbito do românico de *resistência*.



4. Fachada sul.

6 MONTEIRO, Maria Teresa e SOUSA, J. Rigaud de – «Livro de Testamentos do Mosteiro de Paço de Sousa». In *Bracara Augusta*. Vol. XXIV. Braga, 1970.

7 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, pp. 94-99.



5. Fachada sul. O portal desta fachada apresenta a mesma solução decorativa que o arco triunfal, do interior da Igreja. A cabeceira foi ampliada em comprimento e em altura, posteriormente à edificação original.

folhas de videira tão frequentes no românico tardio, são outros aspectos que situam esta igreja numa cronologia próxima da Época Gótica, embora a persistência das formas românicas esteja aqui presente.

Por tudo isto, C. A. Ferreira de Almeida considera que esta igreja não é anterior ao século XIV.

A planta segue o esquema habitual de nave única e cabeceira rectangulares. A cabeceira original foi alongada, no âmbito das reformas do espaço litúrgico ocorridas durante o século XVIII, e crê-se que também alteada, uma vez que, por norma, as cabeceiras medievais são mais baixas do que a nave. Aliás, como o arco cruzeiro original foi mantido, a cabeceira apresenta-se muito reservada relativamente à nave, criando uma espacialidade peculiar que o magnífico retábulo-mor mais enfatiza.

A igreja é construída em blocos de granito aparelhado, em fiadas pseudo-isódomas. C. A. Ferreira de Almeida chamou a atenção para o curioso facto de os blocos de granito desta igreja não conterem siglas, na sua quase totalidade, já que é habitual, em edifícios da mesma época, uma maior presença de marcas de canteiro e de marcas de posição. Apenas uma sigla de um canteiro foi encontrada, num dos blocos do muro da fachada principal⁸.

A fachada principal apresenta um portal muito simplificado, rematado por arco apontado e assente em impostas bastante demarcadas. Todo o remate superior da fachada é feito em empena com cruz no vértice e está coroado nos flancos por dois pináculos do século XVIII. Nesta empena, estaria o campanário medieval, como demonstram as marcas da corda ou corrente de tocar o sino, visíveis sobre o portal principal.⁹ As fachadas laterais apresentam uma sequência de cachorros que sustentam o lacrimal do telhado e que, pelo seu formato, de grande dimensão e com ausência de escultura, anunciam um modo de construir cronologicamente mais tardio, sugerindo contudo recordações do estilo românico.

O portal norte, em arco quebrado, recebeu uma decoração mais rica do que o portal principal, estando enquadrado por arquivolta decorada com motivos em ponta de diamante e folhas de oito pétalas geométrizadas e feitas a bisel, em semelhança com o arco cruzeiro do interior da igreja, elementos que o enquadram no românico tardio e no gótico regional.



6. Fachadas sul e ocidental.

8 ALMEIDA, C. A. Ferreira de; LOPES, Francisco Gaspar Almeida – «Eja: A Civitas e a Igreja de S. Miguel». Porto: Instituto de Arqueologia, 1981-1982. Sep. de *Portugália*. Nova Série Vol. II/III, 1981-1982.

9 IDEM, *ibidem*.



7. Fachada norte.

Se por um lado nos parece que o portal ocidental é posterior ao portal sul, podendo ser essa a razão dos diferentes alçados que mostram, por outro lado não é de estranhar que a porta lateral tenha recebido um arranjo mais cuidado. Na Idade Média o edifício de uma igreja não se limita a ser um objecto construído para uma única função. Nele se patenteiam, amplamente, as relações sociais e culturais de uma época. A igreja paroquial é muito mais do que um espaço onde se desenrola a liturgia e, por essa razão, devemos analisá-la na sua relação com os caminhos da aldeia, com os caminhos das procissões e com os rituais funerários. Os portais laterais, sobretudo aqueles que se relacionam com os caminhos, eram e ainda o são hoje muito mais utilizados quotidianamente do que o portal principal. Na Terra de Miranda não é raro vermos um maior ênfase decorativo e de aparato nos portais laterais, como nos demonstra o caso da Igreja de Nossa Senhora da Expectação de Malhadas (Miranda do Douro).

O interior da Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios apresenta uma nave única com cobertura de madeira, separada da cabeceira por arco cruzeiro de vão quebrado, que dá acesso à capela-mor, assente em imposta, sem colunas, e decorado com elementos vegetalistas, nomeadamente folhas de videira, esculpidas na face do lado da nave.

Na parede norte da capela-mor existe um arcosólio do tempo da igreja medieval, destinado a abrigar um túmulo, o qual foi parcialmente cortado pela implantação de uma porta, na campanha de obras da Época Moderna. [LR]



8. Fachada sul. Portal rematado por decoração própria do séc. XIV.



9. A ampliação da cabeceira foi edificado sobre um afloramento granítico.

2. A Igreja na Época Moderna

2.1. A Igreja paroquial: o pólo aglutinador da comunidade

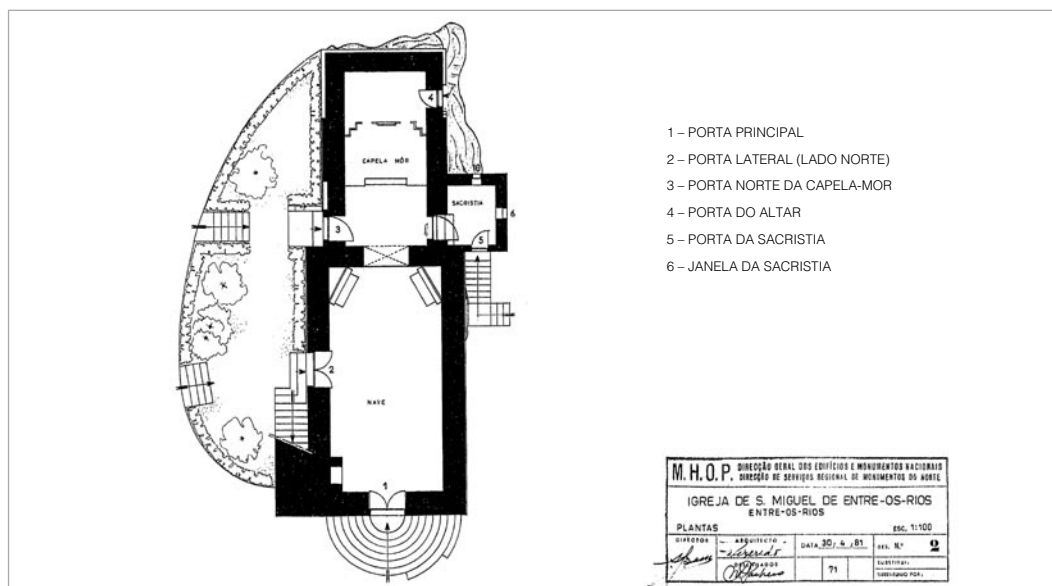
A freguesia de Eja era, no século XVIII, uma pequena povoação composta por apenas trinta fogos e com uma população que não ia muito além das cem pessoas, dispersas em cinco pequenos lugares ou aldeias. A igreja paroquial localiza-se isolada no cimo de uma encosta que desce até ao rio Douro. Este isolamento da igreja paroquial fora já testemunhado no ano de 1758, mas apesar desse afastamento dos centros populacionais, todos os sábados se celebravam os ofícios litúrgicos na igreja.

A igreja paroquial era o pólo centralizador da vida comunitária. Todas as semanas o sentimento colectivo de membro de uma comunidade manifestava-se no adro da igreja e na participação num acto conjunto: a missa. Para além do cumprimento de uma expressão da religiosidade, nessa prática ritualizada semanal emergia o conceito de colectividade e de identidade.

No século XVIII, como registou o abade da igreja, todos os sábados se celebravam os ofícios litúrgicos na igreja. No primeiro dia de Fevereiro o sentido colectivo de continuidade entre passado e presente manifestava-se num *Officio Geral pelas almas de todos os irmãos defuntos da Confraria de Nossa Senhora*, para no dia seguinte se realizarem as festas colectivas, *com grandeza e pompa*¹⁰, aonde acorriam todos os filhos da freguesia.

O patrono da igreja, São Miguel Arcanjo, é venerado no retábulo-mor da paroquial. Para além desta invocação, a expressão da religiosidade colectiva gravitava, no ano de 1758, no *Menino Deus*, com altar privilegiado na nave da igreja, da parte do Evangelho, e em *São Caetano*, localizado do lado oposto.

196



10. Planta da igreja. Inclui a Sacristia, da Época Moderna.

10 COELHO, Manuel Ferreira – «O Concelho de Penafiel nas "Memórias Paroquiais" de 1758». In *Penafiel – Boletim Municipal de Cultura*. 3ª Série. Nº 4/5. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 1987/88, p. 285.

11. Cabeceira. Retábulo-mor da Época Barroca.



2.2. Arquitectura, talha e iconografia

A Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios recebeu na Época Moderna importantes obras de transformação de que resultou o edifício que hoje se conserva. Elementos arquitectónicos de origem medieval articulam-se com outros datados de épocas posteriores, resultando num edifício curioso pela diversidade artística que apresenta. Destacando os aspectos datados dos séculos XVII e XVIII visíveis no exterior, a igreja apresenta na fachada principal uma pequena sineira, colocada num muro localizado a norte do volume correspondente à nave. A colocação de pirâmides nos ângulos laterais da sineira e da empena do frontispício denunciam, também, uma intervenção acontecida na Época Moderna. Outro aspecto evidente, relativo a uma intervenção tardia, quanto à época de fundação da igreja, diz respeito à adição de lanços de escadas na fachada principal e nos alçados laterais.

Contudo, é ao nível da transformação da cabeceira da igreja medieval que a intervenção pós-tridentina é mais evidente. Observando-se a sequência da cachorrada da capela-mor, nota-se que esta parte da construção terá sofrido um aumento no sentido da profundidade, recebendo novos vãos de iluminação, de forma a adaptar o espaço pré-existente às alterações do ritual litúrgico, operadas após o Concílio de Trento. A interrupção dessa sequência denuncia a ampliação da capela-mor.

Entrando no edifício ressaltam, de igual modo, alguns elementos que remetem para a intervenção tardia no monumento ocorrida nos séculos XVII, XVIII e XIX.

Na nave estão as estruturas retabulares dos altares colaterais, datadas já do século XIX onde se apura a linguagem artística neoclássica; ao fundo, um coro alto de madeira, com balaustrada, é o resultado de uma intervenção ainda mais tardia; da mesma época é a transformação do púlpito sobre uma base pétrea, e ainda a cobertura em madeira de perfil curvo.

Os retábulos da nave apresentam-se extremamente contidos no que toca à decoração, sendo pintados de branco e dourado. O desenho de ambos, apesar de diferente, segue linhas simplificadas clássicas, organizando-se de acordo com uma sequência iniciada na mesa de altar, que constitui o embasamento da estrutura, seguindo-se o banco, que no altar do lado do Evangelho é vazado por um pequeno nicho, desenvolvendo-se depois o corpo do retábulo, ladeado por colunas, sendo o remate colocado acima da zona do entablamento, coroado por um elemento contracurvado que funciona como frontão.

Ultrapassado o arco triunfal, entramos no espaço da capela-mor. Na capela-mor subsistem importantes elementos que oferecem ao visitante a imagem mais autêntica do nível de investimento e de transformação artística deste edifício no século XVIII, estando nele presente uma das principais tendências artísticas características a esse período e vigente nos espaços sacros espalhados por todo o país: a presença da talha.

Correspondendo a uma linguagem muito própria, foi então beneficiado este espaço, nos primeiros anos do século XVIII, com uma requintada estrutura retabular em talha de estilo nacional. Completava o conjunto um tecto em caixotões do qual é possível ver ainda seis das suas unidades originais (correspondentes à primeira fiada a contar do altar-mor) e uma sanca (que ocupa ainda todo o comprimento da capela-mor), tendo sido a restante área substituída com painéis nos quais se representam motivos vegetalistas pintados, que resultam de uma intervenção já mais tardia e mais pobre, já do século XIX.

A máquina retabular do altar-mor é decisiva no impacto visual criado sobre o espectador, não só pelo facto de se tratar de talha dourada a folha de ouro, mas também pela decoração profusa que apresenta, cuja qualidade do entalhe é de grande requinte. Organizado em arcos concêntricos que acentuam a



12. Cabeceira. Retábulo-mor e tecto pintado. Os painéis do tecto, junto ao retábulo, apresentam emblemas da iconografia mariana.

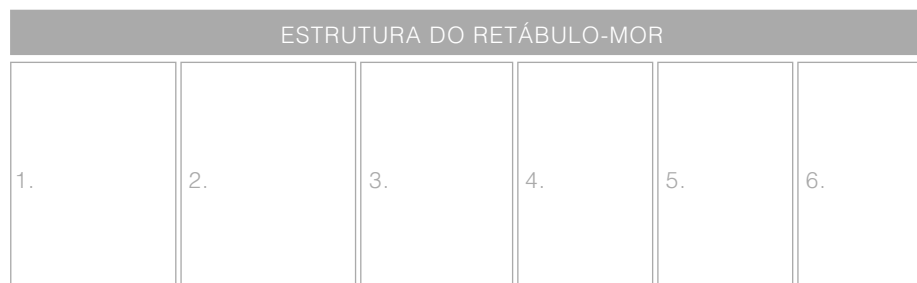
profundidade da estrutura em direcção à tribuna, onde se encontra o trono eucarístico, a decoração deste retábulo assenta principalmente em motivos vegetalistas. Desde acantos enrolados a folhas de parra e respectivos cachos, encontram-se ainda, misturados com os elementos anteriores, meninos, aves e ainda cabeças aladas de anjos que mostram vestígios de policromia.

É importante mencionar que o retábulo-mor inclui ainda imaginária e pintura.

Sobre a mísula colocada do lado do Evangelho está a imagem de *São Miguel Arcanjo pesando as Almas*, apresentando-se vestido com uma couraça e com a cabeça coberta por um capacete emplumado, segurando com a mão direita uma cruz e com a esquerda uma balança, ao mesmo tempo que esmaga o Diabo. Acompanha-o, do lado da Epístola, também sobre uma mísula, uma imagem de *São João Baptista*. Relativamente à pintura, destacamos os painéis existentes no embasamento da tribuna eucarística que enquadram o sacrário, sendo o do lado da Epístola a porta de acesso ao trono eucarístico. Neles fazem-se representar anjos com turíbulos, desenhados de perfil, os quais se apresentam genuflectidos em direcção ao sacrário. Também no interior da tribuna, lateralmente, foram colocados mais dois painéis que, de igual modo, mostram anjos ajoelhados sobre nuvens, segurando turíbulos, desenhados de frente com o rosto a três quartos.

Nesta estrutura retabular há ainda a destacar que o intradorso do arco da tribuna apresenta cinco caixotões onde estão esculpidos emblemas associados à iconografia mariana, os quais se complementam com os seis caixotões que restam da estrutura do tecto, também eles esculpidos segundo o mesmo desenho, apresentando no seu centro, mais emblemas [Ver os Esquemas 1 e 2]. A presença da iconografia mariana no retábulo-mor foi, possivelmente, uma intervenção da Confraria de Nossa Senhora, que se abrigava nessa igreja, congregando os interesses da colectividade paroquial.

ESQUEMA 1 EMBLEMAS ICONOGRÁFICOS DOS CAIXOTÕES DO TECTO DA CAPELA-MOR



1. ESPELHO – Relaciona Maria com a passagem veterotestamentária que remete para «o resplendor da luz eterna, o espelho sem mancha da actividade de Deus e imagem da sua bondade» [Sb 7, 26]. Constitui um elemento referido na Oração da Ladainha da Virgem remetendo, de certo modo, para a castidade da Virgem.
2. JARDIM FECHADO – Integra a simbologia mariana, aludindo à castidade e inviolabilidade da Virgem, associando-se à seguinte passagem: «Tu és um jardim murado e fechado uma nascente selada.» [Ct 4, 12].
3. ESCADA – Emblema associado à Escada de Jacob que une o Céu à Terra – Ligação de Maria ao universo celeste.
4. TORRE [DE DAVID/DE MARFIM] – Associada a Maria como símbolo da castidade, e também como baluarte contra os inimigos, onde se pode encontrar refúgio nos momentos de aflição.
5. ROSAS – Alusão à Rosa Mística referida na Oração da Ladainha: a rosa sem espinhos, a rosa sem pecado – Maria conservou em pleno a candura da sua virgindade.
6. POÇO – Poço do qual saem as águas que revitalizam; Maria cheia de graça que transborda de alegria.

ESQUEMA 2 EMBLEMAS ICONOGRÁFICOS DOS CAIXOTÕES NO INTRADORSO DO ARCO DA TRIBUNA DO RETÁBULO-MOR



1. CIPRESTE – Associado à iconografia mariana, o cipreste é símbolo da vida e da eternidade, pela sua folhagem sempre verde que se eleva para o céu. No livro de Ben Sira está uma passagem: «Elevei-me qual cedro do Líbano, como ciprestes nos montes de Hermon» [Sir 24, 13].

2. SOL – Maria vista como elemento resplandecente entre as criaturas, como o Sol entre os astros. Existem também referências ao Sol no livro do Cântico dos Cânticos: «surge como a aurora, formosa como a Lua, brilhante como o Sol» [Ct 6, 10].

3. FONTE – Associa-se à Ladainha da Virgem considerando a sua água como símbolo de sabedoria. Também mencionada no livro do Cântico dos Cânticos: «E a fonte deste jardim é a nascente onde brotam as águas vivas que correm do Líbano» [Ct 4, 15].

4. LUA/ESTRELA – Maria como a Estrela da Manhã, que anuncia e concebe a luz de Cristo.

5. OLIVEIRA – Árvore de grande riqueza simbólica: paz, fecundidade, purificação, força.

[MJMR / DGS]

3. Restauro e conservação

A campanha de restauro da Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios teve início no ano de 1936, sob a direcção do arquitecto Rogério de Azevedo. Inicialmente o projecto previa obras de maior dimensão, como nos revelam os desenhos, que não foram concretizadas. O projecto da Igreja de São Miguel releva-se importante para a confirmação de uma metodologia de intervenção, presente neste tipo de monumentos. As intervenções no património histórico edificado em Portugal têm considerado diferentes abordagens ao longo do tempo, das quais destacamos as intervenções levadas a cabo pela DGEMN, que deixou marcas ainda bem presentes na consciência patrimonial.

O projecto de restauro da Igreja de São Gens de Boelhe (Penafiel) em 1905 é um prenúncio da actuação futura da DGEMN¹¹. A restituição da traça primitiva ao monumento românico era condição primaz, ou o melhor princípio orientador.

Os restauros reintegradores procuram harmonizar a forma arquitectónica com a autenticidade histórica, recriando-se, por vezes, um monumento de carácter exemplar, como são exemplos as igrejas de São Martinho de Cedofeita (Porto), São Pedro de Cête (Paredes), São Gens de Boelhe (Penafiel) ou Santa Maria de Leça do Balio (Matosinhos).

11 COELHO, Manuel Ferreira – «O Concelho de Penafiel nas "Memórias Paroquiais" de 1758». In *Penafiel – Boletim Municipal de Cultura*. 3ª Série. Nº 4/5. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 1987/88, pp. 39-40.

A Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios foi profundamente alterada na Época Moderna, com a construção de escadas na fachada principal, na fachada norte para aceder ao campanário e no alçado sul para a sacristia. No interior as transformações consistiram na colocação de altares e do púlpito e no aumento da capela-mor e das frestas. As obras de restauro incluíam: reparação de coberturas, limpeza de rebocos, substituição de janelas e de frestas, lajeamento de pavimentos, redução da capela-mor com deslocação do altar-mor, entaipamento de uma porta, desentaipamento de frestas; demolição do campanário e da escada de acesso.

Entre 2003 e 2007 foram realizadas obras de conservação geral no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*. [MB]

Cronologia

Séc. XI (?) – Edificação original (desaparecida);

Sécs. XIII ou XIV – Edificação da Igreja;

Séc. XVIII – Alongamento e alteamento da cabeceira; colocação do altar-mor;

Séc. XIX – Colocação dos retábulos laterais e púlpito;

Séc. XX – Colocação do lambril de azulejos;

1936 – Obras de conservação e restauração;

1964 – Obras de restauração levadas a cabo pelo pároco;

1980 – Limpeza da vegetação envolvente;

1981 – Reparações das coberturas e carpintarias;

1982 – Obras de conservações e reparações diversas;

2003/2007 – Obras de conservação geral do imóvel no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*: coberturas, paramentos e vãos exteriores; beneficiação dos pavimentos, paramentos e tectos do interior da Igreja; restauro dos elementos decorativos da capela-mor; valorização da área envolvente e dos acessos à Igreja.